

Empréstimos linguísticos e Terminologia: os fios que entrelaçam a moda francesa e a língua inglesa

*Linguistic Borrowings and Terminology:
the threads that intertwine French
fashion and the English language*

Ingrid OLIVEIRA

Universidade Federal da Bahia
ingrid.oliveirass@hotmail.com



Resumo: Este artigo, recorte de uma pesquisa de doutorado, tem como objetivo apresentar e analisar doze termos da moda feminina de língua francesa provenientes de empréstimos linguísticos do inglês. Para tanto, seguiram-se os pressupostos teóricos de Cabré (1999), Finatto e Krieger (2004) e Krieger (2013) dentro dos estudos em Terminologia. Os dados foram selecionados a partir da leitura das colunas de moda presentes em cinco periódicos publicados entre 1903-1930 (*Le Figaro-Modes; Les Modes, Femina, Les modes de la femme de France, Le Petit écho de la mode*). Os resultados indicam a presença de duas fases de empréstimos, sendo a primeira anterior à Primeira Guerra Mundial (1914-1918), com predominância de termos originários da Inglaterra, e a segunda após o final do conflito, com presença de termos advindos também dos Estados Unidos. Tal fato comprovou as relações de influência e prestígio existentes entre os empréstimos, as línguas e os grupos que as empregam e a importância dos estudos terminológicos em fases pretéritas da língua.

Palavras-chave: Terminologia; Moda; Empréstimo Linguístico; Língua Francesa; Língua Inglesa.

Abstract: This article, an excerpt from a doctoral research, aims to present and analyze twelve French-language women's fashion terms that have been borrowed from English. To this end, the theoretical assumptions of Cabré (1999), Finatto and Krieger (2004), and Krieger (2013) were followed within terminology studies. The data was selected by reading the fashion columns in five periodicals published between 1903-1930 (*Le Figaro-Modes; Les Modes, Femina, Les modes de la femme de France, Le Petit écho de la*

mode). The results indicate the presence of two phases of borrowing, the first before the First World War (1914-1918), with a predominance of terms originating from England, and the second after the end of the conflict, with the presence of terms also coming from the United States. This fact proves the relationships of influence and prestige that exist between borrowings, languages and the groups that use them, and the importance of terminology studies in earlier phases of the language.

Keywords: Terminology; Fashion; Linguistic Borrowing; French language; English language.



1 DESNOVELANDO OS FIOS DA PESQUISA

Muito se fala sobre a influência e o luxo da moda francesa no Ocidente. Uma etiqueta de Paris, ainda hoje, é considerada como algo *chic*, um sinônimo de bom gosto e refinamento. A posição da França como principal vetor da moda existe, pelo menos, desde o século XVII. Data desse período a célebre afirmação do ministro das finanças de Luís XIV, Jean Colbert, na qual ele dizia que “la mode est pour la France ce que les mines du Pérou sont pour l’Espagne”¹ (Comité Colbert², 2023).

No início do século XX, a capital francesa era vista como o centro da cultura do mundo ocidental. O vestuário e os acessórios, vistos em seus bailes e bulevares, eram popularizados por revistas e catálogos de moda, e compunham os sonhos de consumo de muitas mulheres dentro e fora das fronteiras do *Hexagone*³.

O que nem sempre se lembra é da influência que a sociedade anglófona (em especial, da Inglaterra e dos Estados Unidos) exercia em solo francês. Afinal, durante as visitas da tarde, para as damas, sempre havia um *tea-gown* para vestir. O inverno abria a temporada dos *snow-boots*, dos *corver-coat*. Nos anos 1920, o *pyjama* era uma possibilidade para reuniões informais ou férias na praia.

Assim, este artigo, produzido a partir de um recorte dos dados encontrados em uma pesquisa de doutorado, tem como objetivo apresentar e analisar doze termos franceses da moda feminina, provenientes do inglês, em uso entre 1903 e 1930. Para isso, levou-se em consideração os aspectos sociais e culturais da época, bem como os estudos em Terminologia realizados por Cabré (1999), Finatto e Krieger (2004) e Krieger (2013).

Para a realização de tal tarefa, além desta introdução, este trabalho contará com uma seção dedicada aos contatos entre as já mencionadas línguas ao longo do tempo, seguida por uma terceira seção voltada para as relações entre os empréstimos linguísticos e a Terminologia. A quarta seção tem como objetivo à apresentação dos dados, enquanto que a quinta seção apresentará uma breve análise dos termos. A última seção está destinada ao arremate final do texto, ou seja, às considerações finais, que serão seguidas das referências.

¹ “A moda é para a França o que as minas [de ouro e prata] do Peru são para a Espanha” (tradução nossa)

² O *Comité Colbert* é uma associação de moda de luxo, criada por Jean-Jacques Guerlain nos anos 1950, e que promove estudos diversos sobre a área.

³ Forma como é chamada a França por seu formato semelhante ao polígono de mesmo nome.

2 AS TRAMAS QUE CONECTAM A LÍNGUA FRANCESA E A LÍNGUA INGLESA

Estudar o léxico é estar atento à diversidade. Longe do que desejam os puristas, a língua não pode ser considerada imutável, fechada ou homogênea. Assim como seus falantes, ela está sempre em movimento, “en élaboration continue, qui ne cesse de s’enrichir”⁴ (Laroussi, 2012, p. 146), acompanhando as transformações dos grupos que as empregam.

Nesse jogo de mudanças, no qual a renovação lexical se insere, os empréstimos linguísticos desempenham um papel significativo. Sabendo das diferentes definições para esse fenômeno, neste trabalho será utilizada aquela proposta por Dubois (2014 [1978], p. 197), na qual ele afirma que:

Há empréstimo linguístico quando um falar A usa e acaba por integrar uma unidade ou um traço linguístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía; a unidade ou traço emprestado são, por sua vez, chamados de empréstimos. O empréstimo é o fenômeno linguístico mais importante entre todos os contatos de línguas.

Longe de ser um fenômeno recente, os empréstimos linguísticos são observados em línguas diversas ao redor do globo e ao longo do tempo. Eles são reflexos de uma influência cultural — um desejo de refinamento, por exemplo. É incorreto associá-los a uma contaminação ou empobrecimento visto que:

[...] loin d’être des forteresses isolées, les langues au contraire ne connaissent pas de frontières et c’est en douceur que les mots passent d’une langue à l’autre”⁵ (Walter, 2005).

Durante quase três séculos, mais precisamente entre os reinados de Henrique II (1154-1189) e Henrique V (1413-1422), o francês foi a língua oficial da corte e da administração inglesa. Acredita-se que tal fato possa ter relação com a nacionalidade das rainhas consortes: todas elas, sem exceção, eram francesas. A primeira delas, Leonor d’Aquitânia, foi sabidamente uma grande entusiasta da cultura e teria levado consigo para a Inglaterra a sua língua materna, as manifestações artísticas, o modelo de governo e as instituições administrativas existentes no reino da França (Walter, 2009).

O uso do chamado inglês antigo se tornou mais restrito e fortemente influenciado pelo francês, que, nesse momento, já demonstrava

⁴ “[...] em construção contínua, que não cessa de se enriquecer com contribuições externas” (tradução nossa).

⁵ “[...] longe de serem fortalezas isoladas, as línguas, pelo contrário, não conhecem fronteiras e é de forma suave que as palavras passam de uma língua para a outra” (tradução nossa).

força, tendo atravessado o Canal da Mancha e também outras fronteiras continentais.

Porém, se considerarmos o período medieval como sendo uma primeira fase de trocas linguísticas, a recíproca do inglês para o francês não foi verdadeira. As vivências no território insular, apesar dos laços com a França, ainda não suscitavam tanto interesse para os franceses.

Foi somente no século XVIII que a Inglaterra passou a servir de referência para a sociedade francesa. Por exemplo: um dos símbolos do Século das Luzes, a célebre *Encyclopédie*, organizada por Diderot e d'Alembert, teve como ponto de partida a tradução para o francês da *Cyclopaedia or Dictionary of Arts and Sciences*, publicada em 1727, em Londres, com autoria de Ephraïm Chambers.

É fato que, agora, o território britânico encontrava-se muito mais organizado política e economicamente. Aos poucos, um modelo inglês, ligado às artes, à estrutura governamental ou à economia, passou a ser tido como o ideal. São exemplos de empréstimos dessa época: *budget*, *parlement*, *jury*, *club*, *voter* (Wartburg, 1965). Na virada entre os séculos XVIII e XIX, tem-se então o início da chamada anglomania, termo proposto por d'Alembert:

[...] qui se révèle non seulement dans un sentiment d'admiration pour la philosophie, le régime parlementaire et les jardins anglais, mais aussi dans l'introduction d'un premier contingent de mots anglais dans la langue française (Walter, 2009, p. 277)⁶.

Ao longo do século XIX, um novo estilo de vida se consolidou. Com os avanços da Revolução Industrial, viajar tornou-se algo muito mais rápido, o que permitiu uma maior facilidade nas comunicações e na difusão de hábitos e costumes. O estilo de vida à inglesa, desembarcou na França através de diversos viajantes e “se infiltrou nas classes dominantes que encontravam na anglomania uma forma de distinção” (Perrot, 2014 [2009], p. 16).

E, como os novos tempos propunham, parte dessa viagem era feita percorrendo as linhas do trem. Vem da Inglaterra a terminologia empregada para o transporte via ferroviário como *wagon*, *express*, *ticket*. O campo dos esportes também contou com uma forte presença de empréstimos vistos em termos como *boxe* — esporte que possuía toda a sua terminologia em inglês, segundo Wartburg (1965) — , *football*, *tennis* e *sportsman*. No âmbito do estilo de vida, vê-se o uso de *home*, *five o'clock*, *hall* e *flirter*.

⁶ “[...] que se revela não somente em um sentimento de admiração pela filosofia, pelo regime parlamentar e pelos jardins ingleses, mas também na introdução do primeiro contingente de palavras inglesas na língua francesa” (tradução nossa).

Pode-se dizer que a influência da sociedade inglesa na França durou até o início da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Ao final do conflito, a Europa já não detinha mais o poder econômico e político de outrora, posto que passou a ser ocupado pelos Estados Unidos. A maior parte dos empréstimos dessa terceira fase das relações linguísticas entre o francês e o inglês vem do inglês americano, como ocorre com palavras terminadas pelo sufixo -ing – *parking, dancing* –, mas também pode ser observado em outras formas lexicais como *music hall* e *challenger* (Hagège, 1987)

A moda, presente no cotidiano de leigos e especialistas na área, exhibe também as marcas dessas relações anglo-francesas. Por se tratar de uma área técnica, o estudo de seu léxico recai sobre a Terminologia, tema que discutiremos de forma mais aprofundada na próxima sessão.

3 ALINHAVANDO AS COSTURAS QUE UNEM A TERMINOLOGIA, OS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS E A MODA

Ao adentrar no campo da terminologia vê-se que esta é uma unidade lexical polissêmica, podendo indicar tanto a disciplina teórica voltada para o léxico presente em uma comunicação especializada (neste caso, grafada com “T” – Terminologia), quanto o conjunto de vocábulos empregado em uma determinada área técnico-científica (grafada com “t” – a terminologia da Moda, da Linguística, da Música etc.).

O principal objeto de estudo da Terminologia é o termo técnico-científico, conhecido simplesmente como termo. Os primeiros estudos o tratavam como etiquetas, compondo uma língua à parte. Dessa forma, fenômenos como a polissemia ou a sinonímia não existiriam dentro das terminologias. Contudo, a partir dos anos 1980, com o interesse da Linguística por esse assunto, tal concepção começou a ser questionada. Nesse novo contexto:

A Terminologia assume, portanto, uma face linguística que impulsiona a descrição de muitos aspectos do léxico semântico. As unidades lexicais especializadas são consideradas não só como componentes de cognição, mas como elementos naturais das línguas naturais e, nessa medida, como unidades linguístico-pragmáticas que participaram da constituição de todo e qualquer discurso científico e técnico, vale dizer aquele que representa a expressão dos saberes especializados (Krieger, 2013, p. 24-25).

De acordo com Cabré (1999, p. 231), criadora da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), “la relación entre la terminología y la documentación [...] es de carácter bilateral [...], el trabajo terminológico no

puede llevarse a cabo sin documentación”⁷. A palavra e o termo, agora, não possuem diferenças de funcionamento. O que os define é o seu uso na língua, o seu papel dentro de um texto (Finatto; Krieger, 2004). Seguindo essa linha de pensamento, as terminologias podem ser formadas ancoradas em três processos:

- Através de um aproveitamento linguístico, fazendo uso de unidades lexicais existentes na língua geral ou em terminologias de áreas diferentes.
- A partir da criação de neologismos.
- Fazendo uso de itens lexicais originários de outras línguas, os chamados empréstimos linguísticos.

Esta última forma é, segundo Rey (1992 [1979], p. 68), considerada como “la solution la plus évidente, la plus paresseuse, mais aussi la plus efficace internationalement”⁸. Apesar das tentativas, por parte de alguns terminólogos, de evitá-las dentro das áreas de especialidade, elas continuam a existir, visto que uma língua não teria como assumir por si só a formação dos itens lexicais que compõem uma dada terminologia. Ainda de acordo com Rey (1992 [1979]):

[...] une terminologie importée est un besoin qui pose pour toute langue: peu pour l’anglais, beaucoup plus pour le français, l’allemand ou l’italien, plus encore pour l’arabe, le japonais, et d’une manière si intense pour d’autres langues que les difficultés semblent insurmontables. Il s’agit alors d’un double processus: injection de structures notionnelles dans une culture; des structures terminologiques dans le lexique de la langue dominante de cette culture (Rey, 1992 [1979], p. 66)⁹.

De modo geral, a maior parte dos empréstimos terminológicos é formada por substantivos e se apresenta ora mantendo a grafia de origem (como ocorre em *cover-coat*), ora de forma adaptada (*moire*, forma francesa para o termo *mohair* do inglês). Como não existe na língua um instrumento que determine o fim imediato do uso de uma forma lexical, é possível notar

⁷ “[...] a relação entre a terminologia e a documentação [...] é bilateral [...], o trabalho terminológico não pode se realizar sem documentação” (tradução nossa).

⁸ “[...] a solução mais evidente, a mais preguiçosa, mas também a mais eficaz internacionalmente [...]” (tradução nossa)

⁹ “[...] uma terminologia importada é uma necessidade que se coloca para qualquer língua: pouco para o inglês, muito mais para o francês, o alemão ou o italiano, ainda mais para o árabe, o japonês, e de uma maneira tão intensa para outras línguas que as dificuldades parecem insuperáveis. Trata-se então de um duplo processo: injeção de estruturas nocionais em uma cultura; estruturas terminológicas no léxico da língua dominante dessa cultura” (tradução nossa).

a coexistência do termo tanto na grafia da língua de origem quanto na sua forma adaptada.

Aspectos como flexão de gênero costumam seguir a norma estabelecida pela língua de origem. No caso de uma língua que não possui tal elemento, comumente, adota-se o gênero masculino (Alves, 1988).

É importante observar também os caminhos que fazem com que um determinado empréstimo chegue até a língua. Fala-se em empréstimos diretos quando o fenômeno ocorre de uma língua a outra, sem que haja uma terceira língua intermediária durante. São considerados empréstimos indiretos quando há essa intermediação. *Pyjama* chega ao francês através da língua inglesa (Inglaterra). Contudo, tal termo tem origem no hindi, falado na Índia, tendo passado para inglês através das relações comerciais e políticas entre os dois países.

No início do século XX, as tendências parisienses renovavam-se com bastante rapidez, resultado dos avanços tecnológicos na área têxtil e da atuação da imprensa, a principal difusora das eternas disputas entre o velho e o novo que caracterizam o campo da moda. Reconhecida como o grande “teatro das inovações” (Lipovetsky, 2017 [2009], p. 25), a moda pode ser definida como sendo um fenômeno social e histórico, sem um objeto definido, mas que tem na indumentária a sua principal representante, dado o seu longo registro na história das aparências (Calanca, 2011).

A busca incessante por novidades no vestir reflete diretamente na formação da terminologia da moda. Cada nova estação pode ser palco para uma nova criação, presente desde os ateliês de costura (meios especializados) até as conversas cotidianas entre homens e mulheres diversos (público menos especializado). Desse modo:

[...] la a nécessité de systématiser les termes de l'habillement est ressentie par les experts du domaine qui signalent les ambiguïtés lexicales, les datations imprécises et l'absence de rigueur sémantique abondant dans les descriptions du costume ancien et moderne” (Zanola, 2016, p. 14)¹⁰.

Nesse contexto, os empréstimos ocupam um lugar interessante. Apesar de a França ser o grande centro de prestígio da moda no início do século XX, como já visto na seção 2, sua sociedade não estava isenta de influências externas. A já mencionada anglomania, podia ser vista também na moda, especialmente, nos campos considerados menos técnicos e mais

¹⁰ “[...] a necessidade de sistematizar os termos do vestuário é sentida pelos especialistas da área que apontam a abundância de ambiguidades lexicais, datações imprecisas e da ausência de rigor semântico nas descrições da indumentária antiga e moderna” (tradução nossa).

próximos do público não-especializado, como o das vestimentas e o dos tecidos.

Tendo compreendido um pouco mais acerca dos fios que unem a Terminologia, a moda e a língua francesa, passamos então à apresentação e à análise de alguns termos da moda feminina provenientes de empréstimos da língua inglesa.

4 A COSTURA DOS EMPRÉSTIMOS LINGUÍSTICOS DO INGLÊS NA LÍNGUA FRANCESA

Os dados aqui apresentados foram selecionados após a leitura das colunas de moda presentes em cinco revistas. São elas: *Le Figaro-Modes* (1903-1905), *Les Modes* (1906-1910/1919-1930), *Femina* (1911-1914), *Le Petit Écho de la Mode* (1914-1930) e *Les modes de la femme de France* (1915-1918)¹¹.

Optou-se por tais documentos para compor o *corpus*, visto que seus textos, como já indicado anteriormente, integram uma comunicação especializada. Todos os exemplares utilizados para a pesquisa encontram-se digitalizados e disponíveis *online* no site da Biblioteca Nacional da França (BNF).

Tomando por base a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), empregamos aqui a seguinte metodologia de trabalho:

- Etapa 1: leitura e levantamento dos possíveis termos ligados aos objetivos da pesquisa.
- Etapa 2: identificação dos termos dentro da árvore de domínio da área Moda.
- Etapa 3: pesquisa e análise em dicionários, glossários manuais técnicos, revistas e catálogos de moda da época.
- Etapa 4: criação da ficha terminológica referente a cada termo.
- Etapa 5: construção dos verbetes.

Alguns termos alternam entre a grafia original ou adaptada. Em casos de coexistência das duas formas, manteve-se a entrada mais antiga cronologicamente. Apesar de incomuns, optamos por incluir a classe gramatical e o gênero dos termos, tendo em vista as diferentes línguas envolvidas no trabalho (aqui, especificamente, têm-se o francês, o inglês — dos empréstimos, e a língua portuguesa na qual a pesquisa foi realizada). Os

¹¹ Nas referências das abonações, por uma questão de espaço, utilizou-se as seguintes siglas: LFM – *Le Figaro Modes*; LM – *Les Modes*; PEM – *Le Petit écho de la mode*; LMFF – *La mode des femmes de France*).

verbetes possuem também notas linguísticas (nota ling.) ou históricas (nota hist.) que ajudam a explicar algumas ocorrências.

Por uma questão de organização, os termos serão apresentados dentro de suas respectivas famílias, campos nocionais, seguindo a ordem alfabética.

No campo nocional das vestimentas, temos:

COVER-COAT s.m. Modelo de sobretudo que se caracteriza por ser pequeno e amplo.

Nota ling.: Tal termo teria origem no tecido grafado em inglês como *covert cloth* ou *covert-coat*. **Nota hist.:** Segundo jornais da época, o uso do **cover-coat** ganhou força a partir dos anos 1890, mesmo período em que surgiu o tecido de mesmo nome.

*“Et un classique **cover-coat** sable, fermant à la taille par un seul bouton [...]”* (LM, n. 214, 1922).

PYJAMA s.m. Conjunto informal para uso em casa ou na praia, composto por uma parte superior estilo túnica, por uma calça na parte inferior e, por vezes, acompanhado de uma veste e de um cinto, com todas as peças confeccionadas em um tecido leve.

Nota ling.: Termo proveniente da língua inglesa, que, por sua vez, o recebeu da língua hindi falada na Índia.

“[...] dans certains petits coins retirés, beaucoup de femmes restent tout le jour en pyjama... Pyjamas blancs le matin, pyjamas de soie légère le tantôt [...]” (LMFF, n. 169, 1918).

PULL-OVER s.m. Vestimenta de lã para a parte superior do corpo, feita de tricô, que vai até a altura dos quadris, comumente com mangas, que se veste pela cabeça, mas que não possui gola, com um decote em V e que pode ter bolsos.

Nota ling.: Segundo o TLFi¹² (2024 [1994]), este termo é um empréstimo da língua inglesa (EUA), sendo formado a partir da combinação do verbo *to pull* (puxar) e *over* (sobre), o que demonstra a forma como deveria ser vestida.

Nota hist.: Nos catálogos de moda das *Bibliothèques Spécialisées de Paris*, disponíveis online, tal termo só passou a ser registrado a partir de 1925.

*“[...] ces corsages que la mode baptise de ces noms très... étrangers: **pull-over**, chandail ou sweater* (PEM, n. 24, ano 48, 1926).

¹² Sigla para *Trésor de la langue Française informatisée*

SWEATER s.m. Corpete comumente em tricô de lã que vai até a altura dos quadris, com mangas, decote em V, fechado por botões dispostos na parte da frente da peça ou por um cinto de tecido, podendo ter bolsos.

“ [...] ces corsages que la mode baptise de ces noms très... étrangers: pull-over, chandail ou **sweater** (PEM, n. 24, ano 48, 1926).

TEA-GOWN s.m. Considerado como o mais elegante dentre os *peignoirs* e *robes d'intérieur*, geralmente feito de um tecido macio, leve e confortável, usado em situações informais com pessoas próximas, mas não necessariamente da família.

Nota ling.: Termo formado a partir da combinação de dois substantivos *tea* ('chá') e *gown*, ('vestido'), dando a ideia de um vestido para ser usado na hora do chá, em uma reunião entre amigas.

“La mode des **tea-gown** est plutôt réservée aux réceptions les plus intimes [...]” (LFM, n. 11, 1903).

Já no campo dos tecidos, têm-se:

CHEVIOT s.m. Tecido de lã, leve, macio e flexível, marcado por ser levemente felpudo.

Nota ling.: Termo grafado na forma inglesa, coexistindo com a forma francesa *cheviotte*.

“[...] les grands paletots d'automne se feront en drap **cheviot** à coutures apparentes” (LM, n. 105, 1909).

“[...] les jupes de serge, de **cheviotte**, de voile qui constituent nos tailleurs” (PEM, n. 45, ano 38, 1916).

CLOKY s.m. Tecido de seda, lã ou algodão, reconhecido por ter uma textura enrugada em alto relevo, resultante dos filamentos diversos e da forma como estes reagem ao longo do processo de tecelagem.

Nota ling.: Tal termo tem origem na forma da língua inglesa (EUA) para a palavra francesa *cloqué*, que indica um tipo de tecido com a superfície enrugada e, segundo Picken (1999), era utilizado na imprensa francesa interessada em conquistar o público americano do pós-guerra. “*Élégances du pesage, linons et crêpes, cloky, taffetas, [...] et tout le fouillis charmant des robes d'après-midi [...]*” (LM, n. 217, 1922).

MOHAIR s.m. Termo usado para tecidos de seda, de ligamento de tela/tafetá, de aspecto bastante brilhante, que apresentam um efeito de ondas, obtidos a partir do processo de calandragem.

Nota ling.: Termo grafado na forma inglesa, coexistindo com a forma francesa *moire*.

*“[...] je signale l’agréable fantaisie d’un bord de velours, posé à cheval, remplaçant la tresse de **mohair**” (LM, n. 84, 1907).*

*“Enfin, vient une robe du soir en **moire** souple [...]” (LM, n. 87, 1908).*

PERCALE s.m. Tecido de algodão, flexível, ‘macio, liso e resistente, em geral feito de ligamento de tela de trama fechada’ (Newmann, 2011, p. 141) ou em ligamento de sarja, em cor lisa ou estampado.

Nota ling.: Empréstimo da língua inglesa, que, por sua vez, é originário de uma das línguas faladas na Índia (TLFi, 2024 [1994]; Harmuth, 1915).

*“[...] c’est du reste à la broderie sous toutes ses formes que nous demanderons l’élégance de nos toutes petites: broderie anglaise sur linon ou sur **percale** [...]” (LM, n. 64, 1906).*

SHANTUNG s.m. Tecido de seda crua, de ligamento de tela/tafetá, de textura granulada, por vezes canelado, ‘mais leve que o cetim’ (Pezzolo, 2017, p. 316).

Nota ling.: Empréstimo de língua inglesa para designar a província de *Chantung*, na China, onde o tecido era inicialmente fabricado.

*“[...] une sorte de robe Empire [...] en gros **Shantung** [...]” (LM, n. 105, 1909).*

Além dos termos presentes nesses dois campos, cita-se aqui também a presença de empréstimos de língua inglesa no campo dos calçados:

SNOW-BOOTS s.m. Bota confeccionada a partir de tecidos impermeáveis (cano, parte traseira do cabedal) e borracha (gáspea, sola, salto) com um solado que, por vezes, possui reentrâncias para facilitar o andar em áreas com neve.

Nota ling.: Do inglês *snow* (‘neve’) e *boots* (‘bota’).

*“Le plus sûr moyen de se protéger contre le froid est tout d’abord de porter une « combinaison » en fine laine, des bas de laine ou des **snow-boots**” (Femina, n. 262, 1911).*

E, por fim, no campo dos acessórios:

SCARF s.m. Tira longa de tecido usada para gravatas, geralmente feita em batista, estreita no centro e que se alarga de forma gradual até o final da peça.

Nota ling.: Termo usado para designar ‘lenço’ em inglês, apresentando uma alteração do seu sentido original.

*“[...] la cravate-écharpe en velours souple, large de 30 centimètres environ et longue comme les **scarfs** en satin noir et blanc de cet été [...]” (LM, n. 120, 1910).*

4.1 O que os dados nos contam

Nesta subseção traremos um breve resumo acerca de algumas informações que podem ser observadas nos dados apresentados.

A primeira delas vem para confirmar o papel dos substantivos dentro do processo dos empréstimos linguísticos. Todos os termos selecionados pertencem a tal categoria gramatical e, em sua maioria, são itens na forma simples. Porém, alguns termos se apresentam sob a forma composta, como ocorre em *tea-gown* e *cover-coat*. Um ponto curioso a se notar é a questão do gênero nos termos *cheviot*, *mohair* (inglês) e *cheviotte*, *moire* (francês). As formas adaptadas, ao contrário do que se pensava, são classificadas como substantivos femininos.

No que diz respeito às origens, *pyjama*, *shantung* e *percale* são considerados empréstimos da língua inglesa, tendo chegado a ela através dos contatos com outras línguas. A Índia (*percale*) e a China (*shantung*) foram, durante séculos, grandes centros da indústria têxtil, referências na produção de tecidos de algodão e seda, respectivamente (Pezzolo, 2017). Tal fato ajuda a justificar a influência das línguas faladas nesses países sobre a língua inglesa e a presença de empréstimos linguísticos. Por sua vez, a mecanização e o aumento da produção têxtil alçaram a Inglaterra ao status de grande fabricante de tecidos, vindo assim a influenciar a França.

Além da coexistência de termos das duas línguas, há também uma escolha terminológica ligada ao comercial: a escolha de *clocky*, marca o crescente prestígio dos Estados Unidos e o interesse em se aproximar do público leitor desse país (capitalizando, assim, um aumento nas vendas da revista).

4 ARREMATANDO A COSTURA E CHEGANDO AS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscou-se apresentar e analisar termos da língua francesa na área da Moda que são empréstimos linguísticos da língua inglesa. O ponto de partida para tal estudo foi a compreensão de que nenhuma língua é totalmente pura e que os empréstimos linguísticos são um fenômeno de renovação lexical relacionado aos diferentes graus de influência e prestígio de uma determinada língua e sua cultura ao longo da história.

No caso dos contatos entre a língua francesa e a língua inglesa, observaram-se fases distintas: a primeira, ainda no período medieval, em que o francês foi uma fonte riquíssima de dados para a língua inglesa — consequência da admiração da corte inglesa pela organização

administrativa existente no Reino da França. A segunda fase, agora no sentido inverso, com empréstimos da língua inglesa para a língua francesa a partir do século XVIII, por conta da ascensão econômica e política da Inglaterra. A partir dos anos 1920, a influência do inglês se manteve, partindo agora dos Estados Unidos, que galgava a passos largos o posto de centro de poder no Ocidente.

Desde o século XVII, a moda já era considerada uma atividade econômica importante para o governo francês. Quase três séculos depois, as roupas vistas nas ruas e nas festas de Paris se tornaram um dos grandes símbolos da *Belle Époque*, destacando e servindo de referência para o vestuário na Europa e em diversos outros países.

No entanto, nos variados textos sobre a área, pouco se destaca a influência da sociedade e da cultura inglesa (e, posteriormente, estadunidense) na França e, conseqüentemente, nas suas tendências de moda. Uma das fontes que testemunham a anglomania são revistas. A partir dos doze termos selecionados, foi possível confirmar algumas das proposições ligadas à formação das terminologias, como a classe gramatical e a presença de termos em sua forma original ou adaptada (coexistência de termos). O mesmo pode ser dito a respeito das origens dos termos: tendo como exemplos *shantung*, *percale* e *pyjama*, comprovou-se que os empréstimos entre línguas, aparentemente distantes, podem ocorrer por intermédio de uma terceira língua (à qual normalmente os empréstimos são creditados).

Um dado interessante diz respeito ao gênero dos termos. Ao adaptar *cheviot* e *mohair*, os novos termos são empregados no feminino. Por se tratar aqui de uma amostragem pequena, não se pode afirmar que isso seja característica própria da língua francesa, mas acreditamos que essa informação possa abrir um novo leque de possibilidades para estudos futuros.

Assim, encerra-se aqui este artigo, compreendendo que os estudos em Terminologia são importantes, não apenas para a área de especialidade em si, mas também para a própria história da língua e dos grupos que a utilizam. Os termos da moda provenientes de empréstimos linguísticos guardam informações preciosas acerca da língua, bem como sobre o comportamento, a sociedade, a política, a economia e a cultura. Certamente, novos dados podem estar apenas adormecidos entre as costuras do tempo, aguardando por novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda Maria. Empréstimos lexicais na imprensa política brasileira. **Alfa**. São Paulo, 32, p. 1-14, 1988. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3794/3502>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- CABRÉ, Maria Teresa. **La Terminologia**: Représentation y comunicacón. Barcelona: ULA/Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- CALANCA, Daniela. **História social da moda**. Tradução Renato Ambrósio. São Paulo: SENAC, 2011.
- COMITÉ COLBERT. **Les savoirs-faire**: Haute-Couture & Mode. Disponível em: <https://www.comitecolbert.com/savoir-faire/haute-couture-mode/>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. Tradução Frederico Pessoa de Barros et al. 2. ed. São Paulo, Cultrix, 2014 [1978].
- FEMINA. Paris: Pierre Lafite et Cie, n. 262, dez. 1911. Quinzenal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k55063960?rk=965670;0>. Acesso em: 30 nov. 2018.
- FINATTO, Maria José Boconny; KRIEGER, Maria da Graça. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.
- HAGÈGE, Claude. Réalité de “l’invasion”. In.:_____. **Le Français et les siècles**. Paris: Odile Jacob, 1987, p. 27-88.
- HARMOUTH, Louis. **Dictionary of textiles**. Nova York: Fairchild Publishing Company, 1915.
- KRIEGER, Maria da Graça. A heterogeneidade do léxico especializado e perfis terminológicos. In: MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo; NADIN, Odair Luiz (Org.). **Terminologia**: uma ciência interdisciplinar. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013, p. 23-42.
- LAROUSSI, Foued. Les mots voyagent et si transforment. **Hermès, la revue**, n.63, p. 145-149. Rouen: 2012 Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-hermes-la-revue-2012-2-page-145.htm>. Acesso em: 02 jul. 2024.
- LE FIGARO-MODES. Paris: [s.n.],n. 11, nov. 1903. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6558728r.item> . Acesso em: 24 abr. 2018.
- LE PETIT ÉCHO DE LA MODE. Paris: [s.n.], n. 45, ano 38, nov. 1916. Semanal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k32165265?rk=965670;0>. Acesso em: 29 set. 2023.

LE PETIT ÉCHO DE LA MODE. Paris: [s.n.], n. 24, ano 48, jun. 1926. Semanal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k32147304?rk=515024;0>. Acesso em: 28 set. 2023.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 64, abr. 1906. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6538684g?rk=107296;4>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 84, dez. 1907. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5807424w?rk=236052;4>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 87, mar. 1908. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k57259019?rk=214593;2>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 105, set. 1909,. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5726001h?rk=85837;2>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 120, dez. 1910. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5725996s?rk=128756;0>. Acesso em: 30 nov. 2018.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 214, mar. 1922. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k65435235/fl.item>. Acesso em 28 set. 2023.

LES MODES. Paris: [s.n.], n. 217, jun. 1922. Mensal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6543526d?rk=128756;0>. Acesso em: 28 set. 2023.

LES MODES DE LA FEMME DE FRANCE. Paris: [s.n.], n. 169, ago. 1918. Semanal. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5500216r?rk=64378;0>. Acesso em: 28 set. 2023.

LIPOVETSKY, Giles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia da Letras, 2017 [2009].

NEWMANN, Alex. **Moda de A a Z**. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Publifolha, 2011.

PERROT, Michelle. Outrora, em outro lugar. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**: da Revolução Francesa à Primeira Guerra Mundial. Tradução Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2014 [2009]. v. 4, p. 14-17.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos**: história, tramas, tipos e usos. São Paulo: SENAC, 2017.

PICKEN, Mary Brooks. **A dictionary of costume and fashion**: historic and modern. Nova York: Dover Publications, 1999.

REY, Alain. **La Terminologie** : noms et notions. Paris : Presses Universitaires de France, 1992 [1979].

TRÉSOR DE LA LANGUE FRANÇAISE INFORMATISÉ (TLFi). Nancy, CNRS, ATILF (Analyse et traitement informatique de la langue française), 2024 [1994].
Disponível em : <http://atilf.atilf.fr/>.

WALTER, Henriette. **Honni soit qui mal y pense**: l'incroyable histoire d'amour entre le français et l'anglais. Paris: Robert Laffont, 2009.

WALTER, Henriette. L'intégration des mots venus d'ailleurs. **ALSIC**, vol.8, n. 1, 2005.
Disponível em: . Acesso em: 02 jul. 2024.

WARTBURG, Walter von. **Évolution et structure de la langue française**. 10. ed. Berna: A. Francke, 1965.

ZANOLA, Maria Teresa. Préface. In.: BONADONNA, Maria Francesca. **Le vêtement d'extérieur dans la terminologie française de la mode**. Paris: L'Harmattan, 2016. .

OLIVEIRA, INGRID. EMPRÉSTIMOS LINGÜÍSTICAS E TERMINOLOGIA: OS FIOS QUE ENTRELAÇAM A MODA FRANCESA E A LÍNGUA INGLESA. **ENTREPALAVRAS**, FORTALEZA, v. 14, n. 3, E2812, SET.-DEZ./2024.
DOI: 10.35517/EP14.95261